

volume
17
Dezembro/2011

volume
18
Dezembro/2012
ISSN 01516-2095
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica





**Obra publicada pela
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila
Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia
Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes
Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretora: Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |
Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2011-2012

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.
1v.

Anual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154
Pelotas/RS - CEP: 96010-770
Caixa Postal 354
Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>
e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

PARAÍSO TROPICAL: NATUREZA E IDENTIDADE BRASILEIRA NAS FOTORREPORTAGENS DA REVISTA *O CRUZEIRO*

Marlise Regina Meyrer*

Resumo: O trabalho constitui-se na análise de fotorreportagens veiculadas na revista *O Cruzeiro* na década de 1950, como construtoras e difusoras de uma determinada identidade nacional no período. Esta pautou-se pelas idéias desenvolvimentistas do período e pelo ideal civilizador difundido na revista, que procurou promover a integração do território brasileiro em conformidade com a lógica capitalista de ocupação e exploração. Ao mesmo tempo tratava de classificar as paisagens brasileiras a partir de características identitárias regionais, buscando, assim, impor aos seus leitores uma imagem unitária do país.

Introdução

Nosso objetivo será o de analisar a representação das paisagens brasileiras nas fotorreportagens da revista *O Cruzeiro* como parte de um projeto civilizatório¹ para a nação. Este esteve vinculado ao ideário desenvolvimentista que permeou o imaginário dos anos 50 no Brasil. Nesse processo, a revista buscou construir determinados modelos identitários para a nação mais adequados ao estágio de desenvolvimento pelo qual acreditava-se estar passando o país.

Os anos 50 foram um período em que, no Brasil, o discurso em torno do desenvolvimento nacional foi posto na agenda, sobretudo, na segunda metade da década. Havia um consenso entre elites políticas e

* Prof. Dra. pela PUCRS. Professora da FACCAT – Faculdades Integradas de Taquara. (meyrer_nh@hotmail.com)

¹ Nos referimos aqui ao conceito de civilização desenvolvido por Norbert Elias que “expressa a autoconsciência do Ocidente. Poderíamos inclusive afirmar: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas ‘mais primitivas’. (Elias, 1993, p. 05).

econômicas, intelectuais e opinião pública de que o país vivenciava profundas transformações e, mesmo passando por crises econômicas conjunturais, ele estava “em desenvolvimento”, fase intermediária que conduziria a uma estrutura capitalista plenamente desenvolvida. Todos os segmentos estavam preocupados com a forma mais adequada de realizá-lo, sendo que, no final da década “[...] são incorporadas definitivamente as idéias desenvolvimentistas pois as elites e o governo tinham ampla consciência das mudanças que haviam ocorrido dentro do país ao longo dos últimos anos.” (Gorender, 1983, p.39).

O período foi, também, o dos avanços dos meios de comunicação de massa – imprensa – rádio – televisão e cinema -, característica do processo de urbanização acelerada. Na esteira dessas transformações, a revista *O Cruzeiro* foi pioneira na utilização do fotojornalismo, inovação que passou a caracterizá-la, tornando-a um dos principais veículos de comunicação do país na época.

Inserida na luta das representações de que nos fala Bourdieu (2007), que são “as lutas pelo monopólio de fazer crer, de dar a conhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social...” (p.113), a revista *O Cruzeiro* ocupava uma posição privilegiada neste embate enquanto integrante dos meios de comunicação de massa, principais mediadores das representações sociais no mundo contemporâneo e que, segundo Sandra Jovchelovitch (2000), “tornaram-se constitutivos da vida social, [...] alteraram modos de interação, transformaram o acesso a, e ao consumo de bens simbólicos” (p.89), sendo por isso, uma fonte importante para o estudo das representações sociais.

Estas representações, no entanto, estiveram também pautadas pelas idéias do proprietário do veículo, Assis Chateaubriand. O jornalismo dos Diários Associados era fruto de uma época em que se praticava o jornalismo de editor, no qual preponderava a opinião do “chefe.” Os veículos eram “extensão de seus interesses, de suas idéias e projetos, ideologias e desejos” (Weiberg, 1977, p.14).

No que diz respeito à cultura, podemos dizer que Assis Chateaubriand defendia a criação de uma “cultura nacional” com base no

exotismo das paisagens e do povo mestiço. Nesse aspecto, nutria uma verdadeira fixação pelo indígena como símbolo da nacionalidade brasileira. A revista *O Cruzeiro* publicou inúmeras reportagens sobre o tema, onde mostrava incursões dos repórteres e do próprio Chateaubriand, pelas selvas brasileiras, “confraternizando” com as tribos indígenas.

A fotorreportagem impôs-se como um novo modelo de jornalismo em consonância com um tempo em que a sociedade urbana se estabelecia como modo de vida hegemônico. As imagens, nesta nova realidade marcada pela aceleração do tempo, contribuíam para encurtar o caminho entre a leitura e a apreensão de informações. Desde seu surgimento, no século XIX, a fotografia emergia como uma *janela para o mundo*, atuando diretamente no observador e de modo sensorial, enquanto que a palavra escrita permanecia como abstração, dependente de que a pessoa lesse, compreendesse e refletisse, para então assimilar, ou não, a informação (Gava, 2003, p.41).

O grande diferencial da fotorreportagem, portanto, é a ênfase na imagem fotográfica, que passou a ter o mesmo valor do texto verbal até então dominante. Em uma reportagem tradicional, o eixo central de organização das idéias expostas está apoiado no texto ao qual podem ser acrescentados elementos visuais como ilustrações, funcionando de forma complementar. A fotorreportagem quebra com esse padrão estético, trazendo a fotografia para o centro da organização do discurso.

Nadja Peregrino (1991) afirma que na fotorreportagem há a preponderância da imagem sobre o texto escrito, não sendo ela uma simples reportagem verbal ilustrada, mas, na verdade, visual auxiliada por texto; porém, para a caracterização de uma matéria como fotorreportagem, não basta a predominância da fotografia, é necessário que elas estejam organizadas seqüencialmente, de modo a contar uma história, mais ou menos como uma “história em quadrinhos.” (Peregrino, 1991, p.49).

Além do encadeamento das imagens, também a ordem de leitura e o tamanho das fotografias são observados. Geralmente, as grandes fotorreportagens de *O Cruzeiro* eram constituídas de várias fotografias que

ocupavam muitas páginas. Início, meio e fim das matérias eram marcados por imagens de página inteira, alternando o ritmo visual da diagramação. Com frequência, um texto inicial, acompanhado do título da matéria, dá uma informação sucinta do teor da reportagem, numa espécie de *lead*.²

Para Gava (2003), nesse modelo, as imagens não suplantam o texto, sendo que o principal fator é o da diagramação, ou seja, a forma como as fotografias e textos se combinam e se completam na página. Para ele, esta combinação é que dava sentido ao texto, onde nem as imagens, nem texto atuavam isoladamente, mas eram parte de um todo que era mais importante que as partes.

Principal atrativo da revista *O Cruzeiro*, as fotorreportagens, nos anos aqui estudados, veicularam mensagens que estiveram pautadas pelo contexto dos anos cinqüenta; pela proposta gráfica, sobrepondo o visual sobre o texto escrito; também nas temáticas que evidenciavam a preocupação em construir o Brasil do Futuro, tanto no aspecto cultural, político e econômico, quanto nas propostas de seu proprietário, Assis Chateaubriand. Em conformidade com o ideal civilizador, a revista, ao longo do período, veiculou diferentes imagens do país³ que ajudaram a formar um conjunto definidor de um imaginário da época.

A natureza como símbolo da nação

A construção da identidade nacional é um dos elementos básicos de acesso à civilização conforme este conceito é entendido e utilizado pela revista *O Cruzeiro*, que entendia que este processo passava também pela organização, hierarquização e integração do espaço físico do país.

O Cruzeiro retratou-o frequentemente em suas páginas, seja através de discussões acerca das questões estruturais das cidades brasileiras, da exploração racional do interior ou divulgando as paisagens

² O *lead*, em jornalismo, é uma espécie de resumo inicial, constituído pelos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido no corpo do texto.

³ Imagens aqui entendidas enquanto um conjunto amplo composto de texto e imagem.

nacionais elaboradas com objetivo de construir uma imagem do Brasil como país exótico. Nesse processo, promovia uma classificação das regiões brasileiras, ressaltando características identitárias regionais utilizando-se, ora de denominações para referir-se a um espaço, tais como: “Terra de Ninguém”, “Paraíso Perdido”, “Brasil Desconhecido”, “(território) Virgem”, “Brasil Exportação”, “Cidade Maravilhosa”; ora de fotografias, cujo simbolismo remetia ao mesmo universo de sentido. Essas características são também fruto de construções simbólicas, elaboradas a partir dos interesses e pressupostos dos autores, implicando em atos de percepção e apreciação, de representações objetais ou mesmo ações que visam, em última análise, “determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores” (Arruda, 2000, p.112).

Para Bourdieu (2007), a luta pelo poder de classificação é a própria luta pela definição da identidade regional ou étnica e deve ser entendida enquanto “luta das representações, no sentido de imagens mentais e também de manifestações sociais destinadas a manipular as imagens mentais [...]” (p.113). Ao divulgar as representações do Brasil dividido em regiões idealizadas, as fotorreportagens buscavam construir um consenso, a partir da imposição de “princípios de visão e divisão comuns, portanto, uma visão única de sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade” (p.117), a unidade da nação.

O projeto de nação difundido em *O Cruzeiro* pressupunha um território nacional e integrado, como parte da tarefa de um “civilizar” que pode ser entendida como “homogeneizar” ou “soldar” territórios aos novos ideários, inscrevendo-se no chamado ingresso do Brasil no campo da modernidade” (Arruda, 2007, p.99). Com esse objetivo, por diversas ocasiões, a revista atribuía-se a tarefa de (re) descobridor o Brasil, propondo-se a revelar, através das fotorreportagens, um país até então desconhecido pelos brasileiros. Contribuía para essa postura, o próprio caráter da fotorreportagem em que a fotografia era entendida como *testemunho*, prova da realidade e o fotógrafo-repórter era o desbravador; o novo bandeirante.

A fotografia, como forma de retratar a paisagem, por sua vez, implica numa mudança na percepção da natureza. Fruto do próprio

processo de desenvolvimento industrial, constitui-se numa técnica, cujo produto, a imagem fotográfica, não pode ser entendido fora do mundo que a produziu tal e que, em última análise, confere sentido à representação. Assim, a representação da natureza na fotografia contribui para elaborar uma moderna imagem do país como integrante da sociedade capitalista.

Uma das reportagens analisadas intitula-se “Jânio mergulha no sertão” e descreve a viagem de Jânio Quadros, então governador de São Paulo, pelo interior do Brasil. A equipe de “*O Cruzeiro*” documentou a excursão, através de registros fotográficos, narrativas sobre as localidades visitadas e entrevistas com Jânio.

Um dos pontos da viagem, destacado na reportagem, foi Foz do Iguaçu, cujo registro fotográfico mostrava, o então governador, contemplando as “Sete Quedas” com a legenda: “[...] e elas estão aí, virgens esperando pelo homem”.⁴ A paisagem era percebida sob a ótica do progresso enquanto potencial de riqueza e possibilidades para o futuro do país. Este olhar “técnico-científico”, enquadrava o território brasileiro numa perspectiva desenvolvimentista. A reportagem cumpria a função de “adequação” ou “atualização” da paisagem ao desenvolvimento capitalista que se processava no país.

Mas, *O Cruzeiro* preocupou-se, também, em revelar um país exótico, através da constante exposição e exaltação das belezas naturais brasileiras. Este apelo à paisagem, como traço identitário do país, não era novo e foi intensamente discutido por autores que se preocuparam com a construção da identidade brasileira e a sua relação com a natureza. A visão edênica esteve presente nos relatos dos descobridores europeus e, posteriormente, nos dos viajantes “científicos”, sendo que esta imagem do Brasil, como natureza, cristalizou-se definitivamente com o ufanismo de Afonso Celso (s/d), no início do século. Posteriormente, outros autores retomaram e reforçaram esse imaginário. Uma análise mais aprofundada da questão foi feita pela primeira vez por Sérgio Buarque de Holanda (1959). Outro trabalho importante é o de Flora Sussekind (1990), que discute esta questão a partir das obras literárias brasileiras. A permanência

⁴ *O Cruzeiro*, 23/04/1955.

desta imagem do país como natureza é avaliada por José Murilo de Carvalho (1998) em estudo feito partir de uma pesquisa com diferentes segmentos da sociedade brasileira atual. Gilmar Arruda (2007) por sua vez, diz que a natureza é o ethos brasileiro mais difundido e o de maior penetração.

Entendemos que a revista reforçou esse imaginário especialmente, pela possibilidade de produzir e difundir imagens, não somente discursos verbais. A preocupação com a identidade do país, sobretudo a afirmação desta no mundo, ou seja, integrar o país não apenas internamente, mas ao mundo civilizado, era um dos objetivos a serem alcançados.

Unindo a idéia de integração nacional ao imaginário edênico, Foz do Iguaçu figurava como um símbolo por excelência nas reportagens. Região de fronteira, ela permanecia ainda inexplorada, *virgem*, conforme a fala de Jânio Quadros. Era necessário, portanto, domesticá-la e inseri-la no âmbito da civilização. Nesse sentido, as imagens das Cataratas veiculadas na revista apresentavam-se, simultaneamente, como possibilidade de riqueza e representantes das belezas naturais do país. Simbolizavam tanto o processo civilizador da conquista do sertão, quanto reforçavam o imaginário edênico, constituinte reconhecido da identidade nacional. A natureza permanecia como traço definidor da nacionalidade, entretanto, o olhar passou a ser dirigido por outros interesses, especialmente, os econômicos. Gilmar Arruda (2007) diz que em meados do século XX, passamos de uma visão do país como natureza para outra de “naturalmente rico” (p.19).

Uma destas reportagens, em dez páginas com fotografias seguidas de legendas e textos explicativos sobre a região e as potencialidades da cachoeira – turísticas e hidrelétricas -, retrata este simbolismo. O apelo nacional era evidente, tanto através do colorido das imagens que remetem ao imaginário edênico, quanto pelo conteúdo do texto. O *lead*, logo abaixo do título, era o único trecho verbal, numa página dupla, coberta por duas fotografias das Cataratas, orientando o leitor sobre o sentido da leitura que se desenrolará nas páginas seguintes, ele diz: “[...] lancemos um olhar para nossas riquezas naturais, sem estéril ufanismo, mas com clarividência, para

resolver os problemas básicos da nacionalidade”.⁵ Claro está, portanto, o duplo sentido que Iguaçu adquiria no discurso veiculado na revista.

O conteúdo verbal da reportagem enfatizava as possibilidades econômicas da região. O texto tinha como título: “Iguaçu, filho relegado do turismo brasileiro”⁶, ao qual seguem os seguintes subtítulos: “História e Geografia”; “Turismo e Paisagens e “Milhões de Quilowatts”⁷. A fotografia central, ocupando as duas páginas, era o que podemos chamar de um cenário paradisíaco, contendo os elementos que tradicionalmente compõe o imaginário sobre o paraíso, ou seja, - natureza exuberante, exotismo, clima ameno, profusão de água doce e riqueza mineira – a riqueza aqui pode ser identificada com as possibilidades energéticas da cachoeira.

A representação desejada foi obtida pelo cuidado na composição da imagem, destacando os elementos simbólicos descritos acima. A luz, vinda do alto, ilumina o centro da fotografia, onde aparece a imagem do rio muito azul, que transborda formando as cachoeiras. O azul do rio é intercalado pelo verde da vegetação e o marrom da terra. A luz também incide sobre as cataratas, muito brancas, que envolvem toda a paisagem, exibindo sua exuberância e, ao mesmo tempo, seu potencial energético. A imagem é “emoldurada” pela vegetação em tonalidades mais escuras e indefinidas, parte da mata ainda desconhecida e/ou inexplorada.

⁵ *O Cruzeiro*, 27 abr. 1957.

⁶ Idem.

⁷ Idem.



Iguaçu- Água Grande. *O Cruzeiro*. 27/04/1957.

Ao final, entre as fotografias, podemos encontrar um pequeno texto sob o subtítulo: “Por que me ufano [...]”,⁸ onde era feita uma apologia às cataratas do Iguaçu, comparando-as, em beleza e potência com Niágara, nos EUA, e as quedas do Reno, que “não chegariam aos pés de Iguaçu”. O repórter sugere que o Governo Federal procurasse “encarar de frente o problema de atração do visitante estrangeiro ao Brasil, fonte inesgotável de divisas e fator indispensável de progresso”.⁹

O extenso litoral brasileiro também era fonte inesgotável de paisagens paradisíacas que a revista preocupou-se em mostrar aos leitores, compondo quadros, verdadeiros retratos do país, tendo por base as belezas naturais. O mesmo estilo da matéria descrita anteriormente foi adotado na reportagem “Jangadeiro”¹⁰, em que o repórter de *O Cruzeiro* era o explorador que se dispunha a passar um dia e uma noite acompanhando os jangadeiros em Fortaleza, Ceará. Embora o tema da matéria seja o jangadeiro e não a paisagem natural, o que se destaca

⁸ Idem.

⁹ Ibidem. Grifo nosso.

¹⁰ *O Cruzeiro*, 14 abr. 1956.

visualmente é a paisagem. As fotos apresentam os jangadeiros, enquanto componentes da paisagem. A tonalidade, nesta reportagem, era o azul, caracterizando o litoral.

A reportagem foi composta por nove páginas, intercalando fotografias coloridas e preto e branco. Da mesma forma que na anterior, as fotos apresentam retoques visíveis, a fim de torná-las esteticamente mais harmoniosas. Cenas onde se sobressaem as paisagens, em geral coloridas, alternam-se com outras em que o destaque é o trabalho do jangadeiro, a maioria em preto e branco. Há um equilíbrio visual entre o trabalho do jangadeiro e a paisagem paradisíaca, o que suaviza a imagem do trabalho duro dessas pessoas, descrito, no texto, nos títulos e nas legendas.



Jangadeiro. O Cruzeiro. 14 abr. 1956.

Essas matérias são amostras de outras com a mesma temática. Havia, portanto, uma intenção da revista em revelar aos brasileiros, leitores de *O Cruzeiro*, um país a ser explorado também turisticamente, tanto pelos nacionais quanto pelos estrangeiros, descrevendo a natureza brasileira como um patrimônio nacional, traço identitário da nação que se

civilizava à medida em que, esse seu capital cultural (neste caso as belas paisagens), poderia ser lançado no mercado mundial de bens culturais dos países desenvolvidos. Nesse sentido, era o mesmo olhar “civilizador” que recortava e moldava a paisagem nas páginas da revista, adaptando-a aos incipientes interesses dos novos cidadãos-consumidores, leitores de *O Cruzeiro*.

Embora a revista se empenhasse em divulgar diferentes imagens do país, num processo de construção que transmutava as diferenças regionais em exotismo, a imagem símbolo do Brasil, por excelência, como nos dias atuais, era a do Rio de Janeiro, com destaque para suas praias e os recortes desenhados do seu relevo. Lúcia Lippi de Oliveira (2002) informa-nos que o Rio de Janeiro é a cidade mais “iconografada” do Brasil, e, mesmo antes da fotografia, os pintores viajantes já retratavam as paisagens tropicais da cidade em suas aquarelas.

Sendo a revista *O Cruzeiro* a primeira grande revista ilustrada do país a atingir todo o território nacional, poderíamos dizer, inclusive, que ela contribuiu, se não para a construção, para a divulgação deste “postal” do Rio de Janeiro e, por tabela, do Brasil. O Rio de Janeiro era a paisagem mais divulgada na revista. Era o cenário para os mais diferentes personagens: misses, artistas internacionais, políticos estrangeiros e nacionais e até mesmo chefes da Igreja Católica. A cidade era, segundo a própria avaliação da revista, “a mais bela moldura do mundo”.¹¹ A revista, assim, reforçava e divulgava imagens já consagradas pelo público, como a Bahia da Guanabara e a praia de Copacabana, ao mesmo tempo em que reelaborava e construía novos lugares que iam adquirindo outras funções, especialmente, para a recente elite urbana que se modernizava e ansiava por outras formas e espaços de lazer.

Com este propósito, de construção e divulgação de novos espaços de lazer “civilizados,” em janeiro de 1955, a revista publicava duas matérias sobre a praia do Arpoador. A primeira delas intitulava-se: “O primeiro domingo de verão no Arpoador”,¹² descrevendo as belezas

¹¹ Referência ao fato de a cidade sediar o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. **Praça da Fé.** *O Cruzeiro*, 06 ago. 1955.

¹² *O Cruzeiro*, 08 jan. 1955.

naturais do verão carioca e chamando atenção para os problemas de infraestrutura decorrentes do rápido crescimento do local. Na segunda, “Maré Baixa”,¹³ a praia foi descrita como lugar de lazer das pessoas “de bem” do Rio de Janeiro, “... onde estão as mais belas mulheres e para onde correm todos os rios, inclusive os do dinheiro”.¹⁴ Anunciava, também, a sua potencialidade turística para atrair, inclusive, estrangeiros. Era a cara do “Brasil de exportação”, segundo as próprias palavras do redator: O Arpoador é “... uma das raras coisas que o Brasil poderia exportar consciente do absoluto sucesso internacional”.¹⁵

A revista construía a imagem da praia do Arpoador como próprio símbolo do verão carioca e, por tabela, da tropicalidade do país, imagem que se queria exportar. Nas duas reportagens, entre as fotografias de página inteira, duas delas são praticamente idênticas, repetindo o mesmo ângulo: uma vista da praia em direção ao horizonte que aparece como um semicírculo, insinuando a sua posição em relação ao mundo.

¹³ Idem, 15 jan. 1955.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.



Maré Baixa. *O Cruzeiro*, 15 jan. 1955.

“*O Cruzeiro*” atribuía a si próprio a função de classificador e divulgador das belezas naturais do país como produto a ser exportado. Os repórteres percorriam o Brasil destacando (no sentido literal da palavra) a natureza e reivindicando sua exploração enquanto produto turístico. O papel de construtor da imagem foi descrito pela própria revista: “Foi esta revista quem super-povoou o Arpoador”¹⁶. Assim, acreditamos que essas imagens-símbolo do país foram, em parte, construídas e difundidas pela revista.

A revista, assim, construiu e difundiu uma determinada imagem da nação, contribuindo, desse modo, para a formação de uma identidade nacional. Esta, no entanto, esteve pautada pela realidade nacional do período, em que uma idéia-força conduziu os discursos, aquela do atraso

¹⁶ *O Cruzeiro*, 15 jan. 1955.

versus desenvolvimento, como uma etapa do desenvolvimento em si, na época inquestionável enquanto realidade futura da nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AFONSO CELSO. (s/d.), *Porque me ufano do meu país*. 8ª ed., Rio de Janeiro, Garnier.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões: Entre a história e a memória**. Bauru: São Paulo EDUSC, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **O Poder Simbólico**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, Primeiro. História dos Diários Associados**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARVALHO, José Murilo. **O Motivo edênico no Imaginário social brasileiro**. Revista brasileira Ci. Soc. vol. 13 n. 38 São Paulo Oct. 1998.

CELSO, Afonso. **Porque me ufano do meu país**. 8.ed., Rio de Janeiro, Garnier:[s/d.]

CHARTIER, Roger. **O Mundo Como Representação**. In.: CHARTIER, Roger. À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2002.

COSTA, Helouise. **A fotografia como projeto etnicida**. In.: Fotografia: comunicação e cultura. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-nação na era Vargas. **Revista. brasileira. História**. vol.20 n.39 São Paulo 2000.

GORENDER, Jacob. **A Burguesia Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNQUEIRA, Mary. Representações políticas do território latino-americano

na revista Seleções. **Revista Brasileira de História**. Ano 1.vol.21.n 042.Dez/2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo, Ática, 1989.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Memórias do Rio de Janeiro**. In: CIDADE: história e desafios/Lucia lippi de Oliveira (org). Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

PEREGRINO, Nadja. **O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem**. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil Não É Longe Daqui**. São Paulo, Companhia das Letras,1990.

WAIBERG, Jacques A. **Império das Palavras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1977.